

## O SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO EM PORTUGUÊS ARCAICO VISTO PELA TEORIA DA OTIMIDADE\*

GLADIS MASSINI-CAGLIARI

(Universidade Estadual Paulista-UNESP/Araraquara)

### 1. Introdução

O objetivo desta comunicação é analisar os casos de sândi vocálico externo em Português Arcaico (de agora em diante, PA) - período trovadoresco -, através do quadro da Teoria da Otimidade (de agora em diante, TO).

Na vasta literatura que foi produzida sobre o PA, dois processos de sândi vocálico externo - que promovem, segundo Cunha (1961: 27), a "*solução dos encontros vocálicos interverbais*" - têm recebido destaque: elisão e ditongação.

Segundo Xavier & Mateus (1990: 140), a elisão pode ser definida como um: "*fenômeno de fonética sintática que consiste na supressão de uma vogal átona final quando a palavra seguinte começa por vogal.*" Já o processo de ditongação - ou "sinalefa", no dizer de Cunha (1961) - consiste na união, em uma só sílaba, de duas vogais, uma, átona, localizada no final da primeira palavra, e outra, no início da palavra seguinte, formando uma combinação de semivogal e vogal.

O embasamento teórico, dentro da Fonologia, é dado pelo quadro estabelecido pela Teoria da Otimidade, cujo marco inicial é o trabalho de Prince & Smolensky (1993). Neste modelo (que se pretende uma teoria geral da Gramática e não apenas da Fonologia), a Gramática é vista como sendo constituída por um conjunto de restrições (*constraints*) violáveis e hierarquizados. Desta forma, as regras e as derivações são eliminadas do aparato formal da Fonologia, considerando-se que, no componente fonológico, há apenas restrições, que, mesmo quando violadas, apontam para as "formas ótimas", dentro das possibilidades da língua, ou para formas agramaticais, no caso de violações fatais.<sup>1</sup>

## 2. Métodos

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos - como, no caso, processos fonológicos ligados ao ritmo - de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha entre material poético e não-poético para constituição do *corpus* não se coloca. Em textos poéticos metrificadas, a partir da observação de como o poeta conta as sílabas (poéticas) e localiza os acentos em cada verso, é possível distinguir ditongos de hiatos (em contexto de juntura vocabular) e determinar se a vogal que desaparece na escrita (candidata a ter sido suprimida, no processo da elisão) realmente não conta para a estrutura métrica do verso.

Como *corpus*, este trabalho utiliza uma seleção de cinquenta cantigas de amigo (um décimo do total) do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (de agora em diante, CBN), feita com base na representatividade quantitativa do trovador no cancionero.<sup>2</sup>

## 3. Elisão

### 3.1. Restrições rítmicas para a ocorrência da elisão

Depois de analisados todos os versos das cinquenta cantigas do *corpus*, foram encontrados 366 casos de elisão anotada na escrita do CBN (conforme quadro I, abaixo). A partir da análise deste quadro, pode-se concluir que existem algumas restrições de natureza rítmica, quanto à ocorrência da elisão. Como é possível observar, não foi constatada, no *corpus* todo, uma única ocorrência, quando a primeira vogal envolvida no processo, ou seja, a vogal final da primeira palavra, é tônica. E, através dos exemplos em (1a e b)<sup>3</sup>, fica claro que esta é uma restrição que envolve apenas a tonicidade da primeira vogal, não a da segunda<sup>4</sup>. Um outro fato que comprova que as restrições rítmicas para a ocorrência da elisão levam em consideração apenas a tonicidade da primeira vogal envolvida no processo e não da segunda é a possibilidade real de haver elisão quando a primeira vogal da segunda palavra é tônica. Além disso, a elisão não é bloqueada nem mesmo quando, depois da queda da vogal átona final da primeira palavra, um choque acentual é produzido - exemplos em (1c-e).<sup>5</sup>

- (1) a. Q se foy daqui ay madre nõ u ã (1204-6)  
 b. Sã saluador sabe q̄ assy e<sup>6</sup> (1245-13)  
 c. Poffend auerdade fãber (1390-4)  
 d. Que Triftoje meu amigo (555-1)  
 e. Amiga estadora calada (573-8)

Quadro I - Ocorrências de elisão

Contexto de aplicação da elisão		Subtotal	Percentual
final da primeira palavra	início da segunda palavra		
CV (átona) +	V tônica	16	4,5 %
	V pré-tônica	51	13,9 %
	monossílabo	150	40,9 %
Subtotal		217	59,3 %
Monossílabos ME / DE / LHE / SE / XE +	V tônica	31	8,5 %
	V pré-tônica	49	13,4 %
	monossílabo	69	18,8 %
Subtotal		149	40,7 %
TOTAL		366	100 %

Em termos fonológicos, tradicionalmente os processos de sândi vocálico externo vêm sendo descritos como casos de ressilabificação; no entanto, como mostra Face (1998: 2), ao reexaminar o processo de ressilabificação em espanhol no quadro da TO, a adoção da idéia de que todas as restrições operam simultaneamente torna essa noção de “ressilabificação” impossível (como não há derivação, não se pode silabificar e, depois, ressilabificar). Desse ponto de vista, para interpretar o fenômeno da elisão em PA, com base na TO, é preciso avaliar os candidatos, com base em algumas restrições que podem ser hierarquizadas e na possibilidade de ocorrência de violações fatais ou aceitáveis. As restrições aqui consideradas são as seguintes:<sup>8</sup>

- \*COMPLEXNUCLEUS: o núcleo da sílaba deve conter apenas um elemento.
- NOCODA: as sílabas não têm coda.
- ONSET(V<sub>2</sub>): No contexto de juntura intervocabular, a sílaba inicial da segunda palavra deve ter *onset*.
- MAX(I/O): todo elemento do *input* é um elemento do *output*.
- MAX(σ'): todo elemento de uma sílaba tônica no *input* é um elemento do *output*, ou seja, elementos de sílabas tônicas não podem ser suprimidos.

Considerando as restrições conforme definidas acima, é possível construir o Tableau (2), em que o arranjo dessas restrições permite produzir resultados corretos em relação aos dados de ocorrência de elisão em PA.<sup>9</sup>

(2)	/triste#oie#é/	*COMPLEXNUCLEUS	NOCODA	ONSET(V <sub>2</sub> )	MAX(I/O)
a.	[tris.to.ie]		(*)		*
b.	[tris.te.o.ie.é]		(*)	**	
c.	[trist.oi.e]		*!*	**	*
d.	[tris.teo.ie:]	*!*	(*)		

Conforme se pode ver no Tableau (2), admite-se uma violação suportável de MAX(I/O), devida à perda da vogal átona da primeira palavra, para não causar uma violação fatal de ONSET(V<sub>2</sub>), no dado (2a), considerado ótimo no Tableau. Ocorrências com violação de ONSET(V<sub>2</sub>) representam formas marcadas na língua (talvez um “cochilo” de copista, como se verá adiante), do tipo em (2b). Já o candidato (2c) apresenta duas violações fatais porque o PA não admite, em posição de coda, as consoantes grafadas como *t* e *i*. No contexto das palavras do *input*, a formação de ditongo representa uma violação fatal, por considerar mais de um elemento no núcleo da sílaba, sendo, neste caso, obrigatória a elisão.

No Tableau (3), abaixo, a restrição MAX(σ') proíbe a queda da vogal das sílabas tônicas: é por este motivo que nunca ocorre elisão quando a primeira palavra é oxítônica. Desta forma, uma violação na formação de ONSET(V<sub>2</sub>) é tolerada, ou seja, permite-se que a sílaba *ay* não tenha um *onset* preenchido, para que não haja uma violação fatal de MAX(σ') - em outras palavras, a língua não permite que vogais tônicas sejam eliminadas, em qualquer situação.

(3)	/daqui#ay/	MAX(σ')	NoCODA	ONSET(V <sub>2</sub> )
a.	[da.kui.ay]			*
b.	[da.ku'ay]	*!	*	*
c.	[daqu.ay]	*!	*!	*

De acordo com o quadro I apresentado anteriormente, apenas os monossílabos ME, DE, LHE, SE (pronome) e XE podem ser elididos com a vogal inicial da palavra seguinte. Desta forma, conclui-se que estes são monossílabos essencialmente átonos, na medida em que não seria possível a elisão, por causa da restrição rítmica que bloqueia a sua ocorrência quando a primeira palavra acaba em vogal tônica, caso fossem acentuados. Por outro lado, existem monossílabos que nunca se elidem com a vogal inicial da palavra seguinte. Entre esses, Cunha (1961: 43) cita as conjunções E<sup>10</sup>, QUE, CA e SE<sup>11</sup>, que, segundo esse autor, mantinham sua “integridade” por serem “semifortes”, na época. De fato, seu comportamento com relação a processos de elisão, confirma o caráterônico, atribuído por Cunha a essas palavras (com exceção de E, em relação à qual restam dúvidas quanto à sua tonicidade, por não poder se elidir com a palavra seguinte, mais devido a restrições fonotáticas, de estrutura silábica, do que rítmicas, de tonicidade), uma vez que elas jamais se elidem com a palavra seguinte iniciada por vogal - conforme comprovam os exemplos em (4). Além desses monossílabos, é necessário citar a preposição SO, que se comporta da mesma maneira que as conjunções QUE, CA e SE, não se elidindo com palavra iniciada por vogal (4g).

- (4) a. oque apaſtor dizia (676-7)  
 b. q̄ aq̄ſta ſera feyta (798-10)  
 c. nō lhi faley ca o tiven deſden (658-4)  
 d. Ca el nō mi tolhe acoita (1202-2)  
 e. hu e meu amigue ſeo poder ueer (703-2)  
 f. p o ſe eu por uenſa (1036-15)  
 g. So aq̄ſtas auelaneyras granadas (1158-8)

No entanto, há algumas exceções, quanto à ocorrência de elisão, envolvendo os pronomes considerados átonos. O pronome *mi/me* possui algumas formas incapazes de se elidir com palavras iniciadas por vogal, imediatamente posteriores a ele - exemplos em (5). Como havia, na época do CBN, muita variação entre as grafias *mi/mĩ/min*, para representar o pronome dativo regido por preposição, uma hipótese sugere que, nesses casos, o pronome grafado como *mi* (consoante + vogal) estaria representado, na verdade, a forma nasal *min*, que, em termos de atribuição de moras (cf. Hayes, 1995), deve ser considerada uma sílaba pesada - não sujeita, portanto, à elisão.<sup>12</sup>

- (5) a. Tan coytado p̄ mi anda (1036-15)  
 b. Ay dſ̄ q̄ doo q̄ eu de mi ey (1128-1)  
 c. p<sup>f</sup> mi aly quandoa fez (1173-8)

Também a preposição *DE* pode não se elidir em alguns contextos específicos. Para Cunha (1961: 92 - já citado), "a vogal da preposição *de* só não se elidia antes de vogal quando esta era o corpo do pronome átono *o, a, os, as*" - exemplos em (6). Em uma interpretação baseada na TO, a impossibilidade de ocorrência da elisão, nesse caso específico, pode ser vista como resultado de uma restrição de natureza prosódica.

- (6) a. Ca tal ſabor ei de o ueer (1040-4)  
 b. De a p<sup>f</sup> mi boã fazer (1173-14)  
 c. Poys eu emha uoontade / Deo nō veer sō bē fiz (1202-17)  
 d. dea ſſofrds faredes rrazõ (795-10)

Essa restrição de natureza prosódica, para a ocorrência da elisão, diz respeito à divisão do enunciado em sintagmas entoacionais e à posição das palavras nesses sintagmas<sup>13</sup>: é necessário que as duas palavras envolvidas no processo da elisão pertençam a um mesmo grupo entoacional (I) e sejam pronunciadas sem pausa entre elas. É por este motivo que a elisão não acontece entre versos e nem no meio do verso quando ocorre cesura - exemplos em (7):<sup>14</sup>

- (7) a. Que Triftoie meu amigo  
     Amiga no seu corazõ (555-1/2)  
 b. Nõ vou eu a sã clemẽto / orar e faço grã razõ (1202-1)  
 c. Ca se el madussese / o por ã eu moiro damor (1202-13)

Uma restrição do tipo ALIGN[F], conforme definida abaixo, serve para distinguir, no Tableau (8), os candidatos ótimos dos outros, uma vez que, em PA, a ressilabificação promovida pela ocorrência da elisão representa uma violação suportável da restrição de ALIGN[F], a não ser quando houver, entre as palavras em questão, uma fronteira prosódica de grupo entoacional.

- ALIGN[F]: os segmentos do *input* devem permanecer na mesma sílaba, no *output*.

(8)	/clemẽto#orar/	ALIGN[F]	ONSET(V <sub>2</sub> )
☞ a.	[cle.mẽ.to.rar] <sub>i</sub>	*	
☞ b.	[cle.mẽ.to] <sub>i</sub> [o.rar] <sub>i</sub>		*
c.	[cle.mẽ.to.o.rar] <sub>i</sub>		*!
d.	[cle.mẽ] <sub>i</sub> [to.rar] <sub>i</sub>	*!	

Como já foi dito acima, se considerarmos que, a exemplo do que foi proposto desde Selkirk (1980) e Nespor & Vogel (1986), a estrutura prosódica se constrói a partir da estrutura sintática, não é improvável pensar que há uma fronteira de grupo entoacional entre DE e O/A (pronome), mas não entre DE e O/A (artigo). Desta forma, por causa do alinhamento da restrição ALIGN[F] na hierarquia, a elisão não ocorre entre fronteiras de grupo entoacional (I).

(9)	/de#o/	ALIGN[F]	ONSET(V <sub>2</sub> )
☞ a.	[do ... etc.] <sub>i</sub> (artigo)	*	
☞ b.	[de] <sub>i</sub> [o... etc.] <sub>i</sub> (pronome)		*
c.	[deo ... etc.] <sub>i</sub> (artigo/pronome)		*!
d.	[do ... etc.] <sub>i</sub> (pronome)	*!	
e.	[de] <sub>i</sub> [o ... etc.] <sub>i</sub> (artigo)		*!

Além dessas, todas as outras exceções encontradas, isto é, casos em que há o contexto para a ocorrência da elisão, mas esta não está anotada na escrita, dizem respeito a versos irregulares quanto à métrica, se comparados com os demais versos da cantiga a que pertencem. Invariavelmente, possuem uma sílaba poética a mais do que deveriam. Desta forma, pode ser levantada a hipótese de constituírem esses casos apenas “erros” de cópia, em que o copista deixou de

anotar a elisão que, efetivamente, deveria ser realizada, para que o verso pudesse ser isossilábico, em relação aos outros da mesma cantiga.<sup>15</sup>

### 3.2. Restrições fonotáticas

Além das restrições rítmicas às quais está a ocorrência da elisão sujeita, existem também condições de natureza fonotática, ou seja, concernentes à estrutura da sílaba, que devem ser seguidas, para que o processo da elisão possa acontecer: é necessário que a vogal átona da primeira palavra pertença a uma sílaba com "onset" preenchido. Do contrário, a elisão não pode ocorrer por questões de preservação de estrutura, uma vez que, caíndo a vogal, nada sobraría da sílaba original - o que acarretaria problemas de ordem semântica, com conseqüências para a interpretação do enunciado. É por este motivo que a elisão não ocorre, nos exemplos abaixo:

- (10) a. ca me veo ante rogar (723-10)  
 b. Mays eu soo aleyuosa (1250-4)  
 c. A far un dia hirey (1290-1)  
 d. Ay de<sup>y</sup> hue meu amigo (696-1)  
 e. Eo uir eu bê talhada (1290-16)  
 f. Eel morto sera seme nõ vyr (1198-5)

Essa necessidade de a última sílaba da primeira palavra possuir *onset* para a ocorrência da elisão está representada, no Tableau (11), pela restrição  $MAX(V_1)$ , cuja definição encontra-se logo a seguir. A co-ocorrência dessa restrição com  $ONSET(V_2)$ , como reguladoras da existência da elisão, representa uma tendência do PA em formar sílabas do tipo CV (o padrão "ótimo" de sílaba, na língua). Como se pode observar no Tableau abaixo, o C de  $V_1$  nunca pode estar ausente, em caso de elisão.

- $MAX(V_1)$ : a vogal átona final da primeira palavra, no *input*, deve ser um elemento do *output*, se esta não possuir *onset*.

(11)	$(C)V_1 \neq V_2$	$MAX(V_1)$	$ONSET(V_2)$
✓	a. ve.o.an.te		*
	b. ve.an.te	*!	
✗	c. tris.to.ie		

Uma outra restrição de natureza fonotática estipula que, para que ocorra a elisão, a sílaba final da primeira palavra tem que possuir, no máximo, uma posição da rima preenchida. Em outras palavras, a sílaba átona final da palavra tem que ser *leve*. Neste caso, mesmo que a vogal (ou uma das vogais, no caso de ditongos)

caísse, ainda restaria uma posição preenchida na rima, o que bloquearia a adjunção da vogal da sílaba seguinte. Como o PA não possui palavras paroxítonas terminadas em sílabas travadas (isto é, com coda preenchida) ou em ditongos<sup>16</sup>, esta restrição pode parecer inócua. No entanto, no caso de a primeira palavra ser um monossílabo, explica por que este não pode se elidir com a palavra seguinte, se esta for iniciada por vogal - exemplos em (12a). Também explica porque palavras e monossílabos terminados em vogais nasalizadas (considerados como uma seqüência de vogal + consoante nasal) não podem se elidir com as palavras seguintes iniciadas por vogal - exemplo em (12b). E explica porque uma palavra terminada em sílaba travada por consoante obviamente jamais irá se elidir com a palavra seguinte (neste caso, a possibilidade é haver uma ressilabificação da consoante da coda da última sílaba da primeira palavra como "onset" da primeira sílaba da palavra seguinte) - exemplo em (12c).

- (12) a. Cao nō ui nē uyo el mi (555-14)  
           Ay amiga eu ando Tã coyada (573-15)  
       b. Mha filha nō ey eu prazer (840-1)  
       c. E pauor ey de fjalongar (723-7)

A última restrição fonotática é óbvia: a sílaba inicial da segunda palavra envolvida no processo de elisão não pode ter "onset" preenchido. É por este motivo que não ocorre elisão nos exemplos abaixo, mesmo quando o "onset" se encontra preenchido por um elemento que pode ser representado, na escrita, por uma vogal.

- (13) a. Eia o praze pa fado (696-13)  
           (e já)  
       b. Se he uju o meu amigo (1390-5)  
           (é viv'o)

#### 4. Elisão versus Crase

Dos 366 casos de elisão analisados anteriormente, apenas 5 ocorrem quando a vogal átona final da primeira palavra é A; 226, quando a vogal átona da primeira palavra é E<sup>17</sup>; e 134, quando é O<sup>18</sup> - exemplos em (14). No entanto, como também pode ser observado através do quadro II, a elisão propriamente dita ocorre apenas quando a primeira palavra envolvida nesse processo é terminada por uma vogal átona diferente de /a/. Quando a primeira palavra termina em /a/ átono, esta vogal só pode se elidir com a vogal inicial da palavra seguinte se esta for também /a/: trata-se, portanto, de um subtipo de elisão, a que é preferível atribuir o rótulo de crase<sup>19</sup> - o que pode ser comprovado através dos exemplos



em (15), em que a elisão só acontece entre dois /a/s, mas nunca entre um /a/ e uma vogal de outra qualidade.

**Quadro II - Distribuição dos casos de elisão e crase, de acordo com a qualidade da vogal átona da primeira palavra**

vogal átona final da primeira palavra	vogal inicial da segunda palavra	Subtotal	Percentual
a +	a	5	1.4 %
e +	a (a, â/an)	67	18.3 %
	e (e, ê/en)	102	27.9 %
	é (/e/)	15	4.1 %
	i	4	1.1 %
	o	32	8.7 %
	ó (/o/)	3	0.8 %
	u (ũ/un)	4	1.1 %
Subtotal:	e + V	226	62 %
o +	a (a, â/an)	35	9.6 %
	e (e, ê/en)	67	18.3 %
	é (/e/)	8	2.2 %
	i	10	2.7 %
	o	8	2.2 %
	ó (/o/)	4	1.1 %
	u (ũ/un)	2	0.5 %
Subtotal:	o + V	134	36.6 %
<b>TOTAL</b>		<b>366</b>	<b>100 %</b>

- (14) a. Cuydades muyta miga la morar (936-9)  
 muit'amig'alá = muit<sub>o</sub> + amig<sub>a</sub> + alá
- b. O q̃ me faz peãdandar (1202-9)  
 peãd'andar = peãd<sub>a</sub> + andar
- c. Meu amigo de Trifstandar (555-5)  
 trist'andar = trist<sub>e</sub> + andar
- d. Que Trifstoie meu amigo (555-1)  
 trist'oj'é = trist<sub>e</sub> + oje + é
- e. Madre quero geuyr ucer (932-1)  
 quer'og'eu ir = quer<sub>o</sub> + oge + eu
- f. Do meu amor e douosy enmêtauã (641-11)  
 do uoss'y = uoss<sub>o</sub> + y



## 5. Ditongação

Dentro do universo das cinquenta cantigas escolhidas para comporem o *corpus* aqui utilizado, a ditongação só aparece como processo de sândi para ligar o pronome MI a uma palavra iniciada por vogal A ou O - o que vem a confirmar a conclusão de Cunha (1961: 91) de que "a vogal do pronome mi elidia-se antes de palavras iniciadas por e, i e u, mas ditongava-se com as vogais a e o, quando as precedia". Os exemplos abaixo vêm confirmar essa observação:<sup>20</sup>

- (17) a. Leda mhandeu (641-3)  
 b. p' q̄ mhã dades irado (1147bis-19)  
 c. e<sup>q̄</sup>mhauya iurado (696-16)  
 d. Nen mha duz o meu amigo (1202-3)  
 e. pero mho eu cuydado uj (723-3)  
 f. E nunca mho fará creer (1040-16)  
 g. Semho non feze ren ueer (1040-17)  
 h. Dizen mhora muit<sup>9</sup> que uen (1040-2)

Ao todo, no universo do *corpus*, há 5 casos de ditongação, quando o pronome MI é seguido de palavras iniciadas pela vogal A, e 9 casos, quando a palavra seguinte começa por O. No entanto, o que os dados mostram é que, mesmo na junção do pronome MI com palavra iniciada por vogal, a elisão é o processo de sândi preferido. São 58 casos de elisão, contra 14 de ditongação. E, como mostram os exemplos em (18), não havia restrições quanto à vogal inicial da palavra seguinte ao pronome MI para a ocorrência da elisão - mesmo quando a palavra seguinte era iniciada por A ou O (casos em que ocorria ditongação), a elisão é possível (Veja-se o caso dos exemplos 18a e 18b, que apresentam contextos idênticos aos dos exemplos 17a e 17d, em que ocorre ditongação).<sup>21</sup>

- (18) a. Leda mãdeu (641-6)  
 b. Ca sel madussesse (1202-13)  
 c. que maffjanhey por el tardar (714-2)  
 d. nō moufar nulha rremdizer (714-22)  
 e. Effe moutrê faz ondey deſpeyto (630-5)  
 f. Non affjanhar dizedmũa rē (636-6)  
 g. Poylo Roguei mays eſtarmia mal (653-8)  
 h. Eiamel sabe mui bē mha manha (630-9)  
 i. Matar mey filha (1092-13)  
 j. Assanhey meu muyta meu amigo (630-1)

Comparando os fenômenos de ditongação e elisão, Cunha (1961: 42) ressalta a aproximação entre os dois, quanto à sua natureza:

*Elisão e sinalefa não se opõem (...). São, na verdade, dois aspectos de um mesmo fenômeno, a perda total ou parcial da natureza silábica de uma vogal em contacto com outra.*

Como tanto a elisão quanto a ditongação podem ser encontradas no *corpus*, agindo como processos de sândi para ligar o pronome MI a uma palavra iniciada por vogal A ou O, trata-se de um caso de variação livre. Kager (1999: 404) considera a variação, dentro da perspectiva da TO, “another unresolved issue”. Como a variação é, em geral, resultado de variáveis extragramaticais, ela afeta a escolha entre um ou outro *output* de maneira estocástica, não determinística. Ora, sendo a TO, essencialmente, uma máquina de mapeamento entre *input* e *output*, a escolha entre *outputs* possíveis é determinística. Assim, os casos de variação são de difícil enquadramento em uma proposta com base na TO.

Uma das soluções possíveis, segundo Kager (1999: 405), é subdividir a gramática em múltiplas hierarquias de restrições, ou *co-fonologias*. Desta forma, para o exemplo em (19), haveria duas hierarquias diferentes para gerar a forma ótima em (19') e (19''). (19') aponta para a forma em que ocorre elisão como a ótima, porque nesta co-fonologia, \*COMPLEXNUCLEUS está hierarquizado acima da restrição MAX(F[i]V<sub>1</sub>). Já em (19''), a hierarquia entre essas restrições seria exatamente o contrário do que ocorre em (19'), apontando, agora, a forma em que há ditongação como “ótima”.

- MAX(F[i]V<sub>1</sub>): A vogal átona final /i/ do *input* da primeira palavra deve ser um elemento do *output*, quando a segunda palavra for iniciada por /a/ ou /o/.

(19')	/lɛda#mɛ#ando/	ONSET(V <sub>1</sub> )	*COMPLEXNUCLEUS	MAX(F[i]V <sub>1</sub> )	MAX(I/O)
↗ a.	[lɛ.da.man.do]			*	*
b.	[lɛ.da.mɛ.an.do]	*!			

(19'')	/lɛda#mɛ#ando/	ONSET(V <sub>1</sub> )	MAX(F[i]V <sub>1</sub> )	*COMPLEXNUCLEUS	MAX(I/O)
↗ a.	[lɛ.da.mhan.do]			*	*
b.	[lɛ.da.mɛ.an.do]	*!			

Uma outra solução apontada por Kager (1999: 405) é a adoção do que ele chamou de “sub-hierarquias”: *to maintain a single constraint hierarchy, while giving up the idea of fixed ranking of constraints*. Embora não difiram muito quanto ao processo de avaliação dos possíveis *outputs*, as duas propostas - a das

co-fonologias e a da sub-hierarquização - são bastante díspares quanto à concepção da gramática, como mostra Kager (1999: 406):

*In what way(s) does free ranking differ from parallel co-phonologies? Is what we call 'subhierarchy' just another name for 'co-phonology'? To some extent the answer is 'yes', since free ranking entails evaluation of candidate forms by parallel competitions. There is a substantial difference between the approaches, however. Subhierarchies differ only in constraints whose ranking is not stipulated by the grammar. One may think of a grammar with free rankings as underdetermined. Variable ranking remains consistent with the hard rankings stated in the grammar, a limitation explaining the observed similarities between variable outputs.*

## 6. Conclusão

Com base na análise de um *corpus* composto de cinquenta cantigas de amigo, extraídas do CBN, foi possível constatar a existência de três casos de sândi vocálico externo, em PA: elisão, crase e ditongação. Partindo de uma análise desses fenômenos dentro do quadro teórico da Otimidade em Linguística, foi possível identificar uma série de restrições ligadas à ocorrência e ao bloqueio de ocorrência desses fenômenos, que podem ser hierarquizadas conforme o *ranking* apresentado em (20):

$$(20) \text{MAX}(\sigma') ; \text{MAX}(V_1) \gg \text{MAX}(F[a]V_1) ; \text{OCP}(v) \gg \text{ALIGN}[F] \gg \\ * \text{COMPLEXNUCLEUS} \gg \text{NOCODA} \gg \text{ONSET}(V_2) \gg \text{MAX}(I/O)$$

Pode-se dizer que o *ranking* acima é constituído fundamentalmente de dois grupos distintos de restrições. Um primeiro grupo é formado pelas restrições que determinam os casos de proibição de elisão:  $\text{MAX}(\sigma')$ ,  $\text{MAX}(V_1)$ ,  $\text{MAX}(F[a]V_1)$ ,  $\text{OCP}(v)$  e  $\text{ALIGN}[F]$ . Tais restrições, ao evitar a ocorrência da elisão, procuram manter o *output* o mais próximo possível do *input* - o que ocorre principalmente em contextos de força (sílabas tônicas, por exemplo, cuja vogal jamais se elide com outra, para não ocasionar uma restrição fatal a  $\text{MAX}(\sigma')$ ). Por outro lado, um segundo grupo de restrições -  $* \text{COMPLEXNUCLEUS}$ ,  $\text{NOCODA}$ ,  $\text{ONSET}(V_2)$  e  $\text{MAX}(I/O)$  - faz com que a língua leve em consideração, na avaliação dos candidatos, a estrutura silábica ideal CV ("ótima") e o desgosto pelo hiato em contexto de juntura vocabular (sem limite de grupo entoacional ou pausa), optando, então, pela elisão da vogal átona final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda (o que gera uma violação não fatal a  $\text{MAX}(I/O)$ , a mais baixa na hierarquia).

## Notas

Este trabalho apresenta resultados de pesquisas ligadas ao Projeto "*Fonologia do Português Arcaico*", coordenado por mim na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara - financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), através do Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes (processo 1997/12447-5).

- 1 Para uma introdução aos fundamentos básicos da teoria, vejam-se Archangeli & Langendoen (1997), Roca (1997) e Kager (1999).
- 2 Para se chegar ao número estabelecido de cinquenta cantigas, a seleção constituída excluiu os trovadores pouco produtivos (que comparecem com até três cantigas de amigo no CBN). Com a exclusão destes, faltaram apenas duas cantigas para alcançar o número desejado; optou-se, então, por duplicar a contribuição de D. Dinis e João Aires de Santiago, por serem estes os trovadores que possuem as maiores contribuições ao CBN, na modalidade dos cantares de amigo. Para cada trovador que se encaixou no critério de representatividade utilizado, foi escolhida aleatoriamente uma cantiga de amigo de sua autoria. Para informações quanto à origem, classe social e época dos trovadores, foram usados como fontes básicas o estudo de Oliveira (1994) e as biografias dos trovadores constantes da *Lírica Profana Galego-Portuguesa* (1996), que procuraram reunir toda a informação dispersa em trabalhos anteriores.
- 3 Entre parênteses, aparece o número que a cantiga da qual foi retirado o exemplo recebe no CBN. O(s) algarismo(s) depois do hífen refere(m)-se ao verso da cantiga em que aparece o exemplo. Todos os exemplos são apresentados na ortografia do CBN.
- 4 "Contra-regrando o fenômeno essencial do regime da elisão, verificamos ser o hiato o efeito obrigatório do encontro em que a prepositiva é tônica ou semitônica." - Cunha (1961: 42)
- 5 A respeito da noção de choque ou colisão acentual (*stress clash*), podem ser consultados Prince (1983), Hogg & McCully (1987), Hayes (1995) e Massini-Cagliari (1995, 1999a). Bisol (1992: 96) mostra que, no Português Brasileiro atual, ao contrário do que acontece em PA, a formação de um choque acentual bloqueia a aplicação da elisão.
- 6 Do verbo *seer*.
- 7 Como a vogal elidida não aparece grafada, não é possível determinar se se trata de ME ou MI. Portanto, usa-se, aqui, a representação com E, por ser a mais usual, mas é necessário dizer que não é possível determinar com precisão a qualidade da vogal, nesse contexto. O mesmo serve para os monossílabos aqui representados como DE, LHE, SE e XI.
- 8 As noções de *onset*, núcleo e *coda* derivam da planilha silábica proposta pelos modelos de Fonologia Não-Linear, que consideram a sílaba como tendo uma estrutura de constituintes hierarquizados - veja Selkirk (1980: 5), posição que seguimos em Massini-Cagliari (1992).
- 9 Neste e nos demais *tableaux* apresentados neste trabalho, o ponto representa "limite de sílaba". Entre barras, encontram-se representadas as formas do *input* e os candidatos a *outputs*, grafados conforme a ortografia do CBN, aparecem entre colchetes. Os asteriscos entre parênteses representam violações irrelevantes aos fenômenos em análise. Vale ressaltar que, especificamente nos exemplos em (2), o som grafado com / tem sido considerado pela literatura filológica que se ocupou da estrutura fonológica do PA como tendo valor consonantal (provavelmente / /). A este respeito, ver Ramos (1985: 104).
- 10 Embora Cunha considere a conjunção *e* como "semiforte", não há como se ter certeza a respeito do seu grau de tonicidade, analisando unicamente o processo da elisão,

uma vez que, como será visto adiante, esta conjunção não pode se elidir com a vogal da palavra seguinte por restrições fonotáticas.

11 "Como os monossílabos *e*, *que* e *ca* - tudo faz crer -, a conjunção *se* era ineledível na métrica dos trovadores, e, nisso, contrastava com o seu equivalente gráfico, o pronome *se*. Dizemos gráfico, porque os dois monossílabos se opunham, na língua antiga, quanto a acentuação. A forma pronominal era átona, mas a conjuncional deveria possuir relativa tonicidade, a suficiente, pelo menos, para garantir-lhe a autonomia antes de palavras iniciadas por vogal e o emprêgo como vocábulo de apoio frásico." - Cunha (1961: 83)

12 Em caráter excepcional, o pronome *me/mj* dativo não se elide com palavra iniciada por vogal, imediatamente posterior a ele, nestes versos da cantiga 932, de Rui Fernandes de Santiago: "*Faredes me atã prazer*" (932-6); e "*Madre faredes mj amor*" (932-13). A este respeito, pode-se aventar a hipótese da ocorrência de uma cesura entre as duas palavras em questão, que bloquearia a ocorrência da elisão, por causa da restrição de natureza prosódica, descrita adiante.

13 Para tal, segue-se a divisão em níveis prosódicos proposta por Nespor & Vogel (1986). Essa proposta difere da de Selkirk (1980) por incluir no inventário dos níveis prosódicos o *grupo clítico*, representado por *C*.

14 Nos exemplos em (7), a cesura é indicada pela barra (/).

15 Para um levantamento desses casos, veja-se Massini-Cagliari (1999c), em que se discute se o processo de elisão no PA é obrigatório ou opcional.

16 A respeito dos padrões acentuais do PA, vejam-se Massini-Cagliari (1995, 1998b e 1999a).

17 Em relação ao grafema <e>, Maia (1986: 521) considera que ele pode representar, na posição átona, tanto o fonema /e/ como o fonema /i/. Além disso, há variação entre as letras E e I, nesse contexto. Para essa autora, "o fonema /i/ surge apenas nalgumas formas pronominais, nalgumas formas verbais e em algumas palavras invariáveis (advérbios ou numerais)". Portanto, no quadro II, a abreviatura "e +" refere-se à grafia usual da letra ausente, uma vez que não é possível determinar qual a verdadeira representação dessa vogal.

18 Também à abreviatura "o +", no quadro II, refere-se à grafia usual da vogal ausente. Segundo Maia (1986: 526), "desde o início da fixação escrita do galego-português, a vogal final, tanto quando representa / / como / / do latim clássico, aparece de modo quase uniforme representada pelo grafema -o. No período mais antigo e, mesmo assim, de modo muito pouco frequente, aparece o grafema *u* em formas em que a vogal final tinha uma ou outra procedência."

19 Os argumentos para considerar que, nesses casos, o processo de sândi externo vocálico que se aplica aos exemplos é um processo de crase foram apresentados em Massini-Cagliari (1999b).

20 Conforme já se sabe desde Michaëlis de Vasconcellos (1912-13: 409), a letra *b* depois de *m*, na escrita dos Concioneiros, representa a vogal *i*, formando um ditongo crescente com a vogal que a segue.

21 Comparando os processos de elisão e ditongação (sinalefa), Cunha (1961: 42) faz a seguinte afirmação:

*"Importa não esquecer que, em referência à poética dos trovadores, o conceito de elisão é, de certo modo, precário. Nada, seguramente, nos autoriza a afirmar que em todos os casos aqui tratados se processa com efeito a elisão, bem podendo acontecer que, em alguns, a falta de vogal nos manuscritos denote apenas, paleograficamente, a sua ditongação com a seguinte."*

Embora esta seja uma possível razão para a ocorrência tanto de ditongação como de elisão no mesmo contexto, consideramos que a sistemática notação diferenciada para os dois casos, por parte dos copistas, é um motivo para continuar diferenciando esses dois processos de sândi.

### Referências bibliográficas

- ARCHANGELI, Diana & D. Terence LANDENDOEN (eds.) (1997) *Optimality Theory - An Overview*. Oxford: Blackwell.
- BISOL, Leda (1992) Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, (23): 83-101, jul/dez 1992.
- CUNHA, Celso Ferreira da (1961) *Estudos de Poética Trovadoresca - Versificação e Ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro.
- FACE, Timothy I. (1998) Reexamining Spanish "Resyllabification". Rutgers Optimality Archives. (ROA-291-1298). <http://rucss.rutgers.edu/roa.html>.
- HAYES, Bruce (1995) *Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- HOGG, R. & C. B. McCULLY (1987) *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KAGER, René (1999) *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MAIA, Clarinda (1997) *História do Galego-Português*. 2ª edição. Coimbra: Fundação Clouste Gulbenkian/Junta de Investigação Científica e Tecnológica. (Reimpressão da edição do INIC - 1986).
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis (1992) *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1995) *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1998a) Escrita do *Cançoneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? *Filologia e Lingüística Portuguesa*. nº 2, p. 159-178, São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1998b) Atribuição de acento em Português Arcaico. IN Earle, T. F. (org.) *Actas do Quinto Congresso. Associação Internacional dos Lusitanistas*. Oxford/Coimbra: Associação Internacional dos Lusitanistas. Tomo I, pp. 183-206.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1999a) *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: Laboratório Editorial UNESP/Araraquara; São Paulo: Cultura Acadêmica.



- MASSINI-CAGLIARI, G. (1999b) O fenômeno fonológico da elisão nas cantigas de amigo. Comunicação apresentada no XXII Symposium on Portuguese Traditions (Europe, America, Africa, Asia). Los Angeles: University of California, Los Angeles (UCLA). Department of Spanish and Portuguese. 17 e 18 de abril de 1999.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1999c) As dimensões rítmicas da elisão em Português Arcaico. Comunicação apresentada no 6º Congresso da Associação Internacional dos Lusitanistas (AIL). Rio de Janeiro: UFRJ, UFF, de 08 a 13 de agosto de 1999.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina (1912-1913) *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13)* Seguidas das *Lições Práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s/d.
- NESPOR, Marina & Irene Vogel (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- NUNES, José Joaquim (1973) *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro. 1ª edição: 1926/1929.
- OLIVEIRA, António Resende (1994) *Depois do espetáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Colibri.
- PRINCE, Allan S. & Paul SMOLENSKY (1993). *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Technical Report #2 of the Rutgers Center for Cognitive Science. Rutgers University.
- RAMOS, Maria Ana (1985) Nota Lingüística. IN Gonçalves, Elsa & Maria Ana Ramos. *A Lírica Galego-Portuguesa (Textos Escolhidos)*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Comunicação. pp. 83-118.
- ROCA, Iggy (ed.) (1997) *Derivations and Constraints in Phonology*. Oxford: Clarendon.
- SELKIRK, Elisabeth O. (1980) *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC.
- XAVIER, M. F. & M. H. M. MATEUS (1990) (orgs.) *Dicionário de termos lingüísticos*. Volume 1. Lisboa: Cosmos.
- Cançãoeiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- Lírica profana galego-portuguesa*. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro; Xunta de Galicia, 1996.